



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Especialização em Comunicação e Saúde

ces

**AQUARIUS E GLORIA: SENTIDOS DO ENVELHECIMENTO FEMININO
EM FILMES PRODUZIDOS NO BRASIL E NO CHILE NA DÉCADA DE
2010**

Erika Drumond Saraiva

Modalidade: Projeto de pesquisa
Orientadora:
Profa. Mestre Tatiana Clébicar Leite
Segunda orientadora:
Profa. Dra. Katia Lerner

Rio de Janeiro, 2019



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE

AQUARIUS E GLORIA:

sentidos do envelhecimento feminino em filmes produzidos no Brasil e no Chile
na década de 2010

por

ERIKA DRUMOND SARAIVA

Rio de Janeiro

2019

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE

AQUARIUS E GLORIA:

sentidos do envelhecimento feminino em filmes produzidos no Brasil e no Chile na década de 2010

por

ERIKA DRUMOND SARAIVA

Trabalho apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz.

Modalidade de trabalho:

Projeto de pesquisa

Orientadora:

Tatiana Clébicar Leite, Profa. Mestre

Segunda orientadora:

Katia Lerner, Profa. Doutora

Rio de Janeiro
2019

Neste momento, especialmente neste,
a morte não ameaça, tudo é parado e
vive,]

num mundo bom onde se come errado,
delícia de marmitas de carboidrato e
torresmos.]

Como gosto disso, meu deus!

Que lugar perfeito!

Ainda que volta e meia alguém morra,
tudo é muito eterno,]

só choramos por sermos condizentes.

(Adélia Prado)

RESUMO

O envelhecimento do mundo ocidental é um fenômeno que vem se acelerando e se antecipa às projeções. É processo complexo, composto de dois tempos distintos: objetivo e subjetivo. Trata-se de experiência plural, mutável, influenciada por diferentes fatores – gênero, nível socioeconômico, estilo de vida, cultural, entre outros – que podem interferir na forma como o indivíduo lida com suas atividades do cotidiano, com a vida e também como as sociedades lidam com esses indivíduos e fenômeno. Em uma cultura predominantemente visual, o cinema é um espaço de transformação do imaginário social e integra um universo simbólico na construção sociocultural do envelhecimento e das narrativas individuais. Neste estudo, o objetivo é analisar os sentidos presentes nos filmes *Aquarius* (2016), de Kleber Mendonça Filho, e *Gloria* (2013), de Sebastián Lelio, de acordo com seus determinados contextos e suas relações com o campo da comunicação e da saúde, levando em conta as mudanças na sociedade e os impactos do fenômeno do envelhecimento nas populações do Brasil e do Chile. O projeto está estruturado sobre dois eixos teóricos-metodológicos: o primeiro trata do envelhecimento, entendido como um processo marcado simultaneamente pela biologia, pela cultura e pela história, com destaque para uma perspectiva que relaciona esse processo com corpo e gênero; e o segundo investiga a construção social dos sentidos e a análise do discurso, com ênfase no cinema.

Palavras-chave: envelhecimento feminino; cinema; estilo de vida; corpo; comunicação e saúde.

LISTA DE SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CFM	Conselho Federal de Medicina
CMED	Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INE	Instituto Nacional de Estadísticas do Chile
ISAPS	Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PNSPI	Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa
SENAMA	Servicio Nacional del Adulto Mayor
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS.....	14
3. JUSTIFICATIVA	15
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
4.1. Envelhecimento feminino na sociedade contemporânea	16
4.1.1. Problematizando o conceito de velhice	16
4.1.2. Envelhecimento, corpo e gênero	20
4.1.3. O envelhecer no Brasil e no Chile: algumas dimensões socioeconômicas	30
4.2. Produção de sentidos e análise do discurso	33
4.2.1. Velhice no cinema.....	36
5. METODOLOGIA	39
6. CRONOGRAMA	42
7. REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento é processo complexo composto de dois tempos distintos: objetivo e subjetivo. Trata-se de experiência plural, mutável, influenciada por diferentes fatores – gênero, nível socioeconômico, estilo de vida, entre outros – que podem interferir na forma como o indivíduo constrói suas identidades e processos de subjetivação e lida com suas atividades do cotidiano, com a vida e também como as sociedades lidam com esses indivíduos. De modo geral, a fase da vida definida como “velhice” tem início por volta dos 60 ou 65 anos e guarda como características a diversidade e a pluralidade de vivências. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), o envelhecimento está vinculado a fatores biológicos, que são os danos moleculares e celulares; e não biológicos, como as mudanças nos papéis sociais, bem como saber lidar com as perdas associadas à idade mais avançada (OMS, 2015).

Atualmente, as pessoas estão vivendo mais (as mulheres, historicamente), e esse fenômeno ocorre em diferentes sociedades do mundo. No entanto, é uma conquista que traz contradições. De acordo com projeções do documento “Developing in an ageing world” (WORLD, 2007), da Organização das Nações Unidas (ONU), a proporção de pessoas com 60 anos ou mais no planeta duplicará nos próximos anos, alcançando a marca de 2 bilhões de indivíduos até 2050, sendo 80% em países em desenvolvimento e a maioria com baixa renda. O documento afirma ainda que a previsão é de que a população mundial chegará a mais de 9,2 bilhões de habitantes em 2050. Para efeito de comparação, em 2005 havia 670 milhões de pessoas de mais idade, o equivalente a 10% da população.

O processo de mudança no ritmo de crescimento da população idosa teve início no século XVIII nos países desenvolvidos, que inicialmente enriqueceram antes de envelhecer. No caso do Brasil, ao contrário dos países mais avançados, está se tornando mais velho sem que a estabilidade econômica esteja consolidada e sem recursos para se adaptar a essa nova realidade.

Em entrevista à revista *Radis*, o médico gerontologista Alexandre Kalache (2018) forneceu dados importantes acerca do envelhecimento mundial. Afirmou que, na França, foram necessários 145 anos para que o país conseguisse dobrar a proporção de idosos de 10% para 20% entre 1845 e 1990. Ou seja, em mais de cem anos, a população francesa com 60 anos ou mais duplicou. Durante essas seis

gerações, no entanto, a França envelheceu com recursos para o desenvolvimento de políticas que respondessem a esse fenômeno. O crescimento do índice de envelhecimento do país esteve associado à redução da dependência dos idosos e melhores respostas às necessidades geradas por essa população.

Esse processo ganhou visibilidade no Brasil nos anos 2000, quando houve uma diminuição no ritmo de crescimento de sua população. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, o indicador da população idosa estava em 13%. As projeções do órgão apontam que esse percentual será de 32% em 2060. Ou seja, em prazo curto em comparação com o de outros países do mundo, o Brasil terá mais idosos do que crianças e adolescentes até 15 anos de idade, assinalando o acelerado processo de envelhecimento da população.

A 1ª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, ocorrida em Viena (Áustria), em 1982, já mostrava a preocupação dos países com o aumento da população idosa, tendo sido realizada, aliás, para chamar a atenção para o assunto e auxiliar na elaboração de políticas públicas. Castro (2012) resgata outra iniciativa tão importante quanto o encontro vienense: o Princípio das Nações Unidas em Favor das Pessoas Idosas, adotado pela Assembleia Geral da ONU, em 1991. No ano seguinte, a Conferência Internacional sobre o Envelhecimento consolidou o Plano de Ação, recomendando que a Assembleia Geral da ONU declarasse 1999 o Ano Internacional do Idoso. Vinte anos depois, Madri sediou a 2ª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento. Na ocasião, criou-se o Plano de Madri, que significou um marco para todas as diretrizes subsequentes. Segundo Castro,

o Plano chama a atenção para a necessidade de se fomentar a pesquisa sobre esta temática [envelhecimento populacional] e recomenda a elaboração políticas públicas voltadas para a inclusão social do idoso visando o desenvolvimento de um mundo menos desigual no que tange ao respeito aos mais velhos. O objetivo é articular a questão do envelhecimento nas iniciativas de promoção do desenvolvimento econômico e social, bem como na agenda dos direitos humanos. (2012, p. 3).

Assim como ocorre com outros processos sociais, as questões de gênero também estão relacionadas com o envelhecimento, tanto do ponto de vista de seus determinantes quanto de seus efeitos. Retomando os números, em 2018, a expectativa ao nascer era de 76,2 anos; em 2060, as estimativas indicam, será de

81. Na média brasileira, os homens vivem 72,2 anos, e as mulheres, 79,4 anos. De acordo com projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), em 2025 seremos a sexta maior população idosa do mundo, com a predominância das mulheres. Em 2050, a população brasileira na faixa etária de 80 anos ou mais será de 15 milhões. Atualmente, estima-se que sejam mais de 4 milhões.

Em meio às explicações para a maior longevidade feminina, segundo Veras, Ramos e Kalache (1987), estão os fatos de que as mulheres estão menos expostas às causas de risco de trabalho e de que utilizam com mais frequência os serviços de saúde. Esses fatores, na perspectiva dos autores, contribuem para que as mulheres vivenciem a viuvez com mais frequência.

Em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo, Alexandre Kalache (2019) afirma que “a diferença de sete anos na expectativa de vida da mulher comparada ao homem no país também pode ser explicada pela morte de jovens homens, ou seja, pela desigualdade e violência social”. Destaque-se a diferença entre envelhecimento individual e populacional. O primeiro representando os efeitos da passagem do tempo; o segundo podendo ser reversível caso ocorra aumento da fecundidade ou até migração.

Em 2006, por meio do Pacto pela Vida, o Ministério da Saúde (MS) assumiu, com as esferas estaduais e municipais de saúde, o compromisso de investir na qualidade da atenção prestada às pessoas com mais de 60 anos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), inserindo a saúde dessa população no eixo das ações prioritárias. Considerando que o processo de envelhecimento da população é afetado por condições sociais, econômicas, culturais e étnicas, bem como por orientação sexual e gênero, as políticas sociais podem ou não reforçar desigualdades e preconceitos com relação às pessoas de idade mais avançada.

No mesmo ano, o MS fez uma revisão da Política Nacional de Saúde do Idoso, por meio da Portaria 1.395/99, para incorporação da concepção de envelhecimento ativo, segundo as recomendações¹ da ONU. A partir da Política

¹ Para a OMS, os países, por meio de seus governos, organizações internacionais e sociedade civil, podem arcar com o envelhecimento ao estabelecerem políticas e programas de envelhecimento ativo para a melhoria da saúde, da participação e da segurança dos mais velhos.

Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), de 2006, esse conceito foi adotado no Brasil.

O Plano de Ação Internacional para populações envelhecidas da ONU, de 2002, menciona que é papel da mídia a produção de imagens para a promoção do envelhecimento saudável que englobem a prevenção do adoecimento e o engajamento social ativo. Embora o plano considere as concepções “positivas” do envelhecer, a representação da pessoa idosa no universo midiático pode estar relacionada ao interesse em redefinir padrões de envelhecimento, transformando o idoso em potencial consumidor, seja pela busca de qualidade de vida ou pelos novos hábitos da vida moderna. Nesse aspecto, a mídia de massa (televisão, jornais, rádio, internet, cinema) é ao mesmo tempo espaço público e também detentor de interesses específicos na produção de imagens que estimulem a exaltação da juventude, legitimando comportamentos compatíveis com esse segmento e, simultaneamente, o negligenciamento da longevidade. Todos esses meios simbólicos são instrumentos poderosos para a formação de atitudes e crenças. O envelhecimento é inevitável, mas a mídia – que faz parte de uma sociedade em que a juventude é valorizada – promove a preservação da condição de jovem. Ao mesmo tempo recebe de outros atores sociais estímulos nesse sentido, negando os sinais corporais, com frequente exibição de corpos bonitos, tonificados, magros, ou mascarando o processo de envelhecimento com imagens pejorativas vinculadas ao termo “velho”, como terceira idade, melhor idade. Gerontolescência² é outro termo que tem sido utilizado na mídia brasileira para retratar essa fase da vida.

Debert (2018) afirma que até a década de 1970, as imagens da velhice eram negativas e acentuavam estereótipos diversos (dependência física e afetiva, isolamento) ou então cômicas, com a teimosia ou a tolice. A partir dos anos 1980, entretanto, a pessoa idosa tendeu a ser tratada de maneira positiva, passando a simbolizar o poder, a perspicácia, o prestígio social. Essas narrativas midiáticas reforçam a discriminação com as pessoas de mais idade e atribuem sentidos negativos à velhice (dependência, infantilização).

² O criador e divulgador do termo é o médico Alexandre Kalache, referência em envelhecimento e longevidade.

Sobre esse aspecto, Côrte (2018) destaca o conceito “pós-idade” para evidenciar o quanto o coletivo e o indivíduo negam a velhice, o ser e o estar velho, em discriminação à idade, o chamado idadismo (ageísmo ou etarismo).³ Ao dar publicidade à pós-idade, a mídia despreza a finitude humana. A autora enfatiza que tal fato provoca um aumento da angústia e da busca de intervenção por parte da população, bem como crescimento da vigilância e da medicalização da vida cada vez mais longa. Zorzanelli, Ortega e Bezerra Júnior (2013) apontam que o termo medicalização é utilizado por diferentes autores de maneiras distintas. Neste trabalho, será utilizado o conceito de Conrad (1992), que define medicalização como o processo em que questões que até a primeira metade do século XX não eram considerados de ordem médica, como a velhice, passam a ser encarados como objetos da medicina. É com essa definição que dialogam Clarke e seus colaboradores (2003) ao propor, mais recentemente, o termo biomedicalização.

Goldenberg (2011) mostra o quanto a nossa cultura reforça o ageísmo, como dito, o preconceito contra pessoas mais velhas, promovendo a discriminação e a exclusão social, além de eleger o corpo como capital. As recomendações da ONU, em seu Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento (2002), ressaltam essa preocupação contra o idadismo, considerando-a, aliás, questão de saúde pública.

Por outro lado, a otimização da beleza possibilitada pela evolução da medicina e dos tratamentos estéticos reforçam o desejo de manter o corpo eternamente jovem. A transformação no perfil demográfico brasileiro, contudo, impõe diferentes desafios, sobretudo porque estamos envelhecendo em um país sem preparo para atravessar esse momento; é o décimo país do mundo em termos de desigualdade (OMS, 2015), não tem políticas de seguridade social adequadas e se baseia, crescentemente, na lógica neoliberal da monetarização da vida e da individualização.

A respeito do assunto, tramita no Congresso Nacional do Brasil projeto de reforma da previdência social, inspirado principalmente no modelo chileno, conforme reiteradas afirmações da equipe econômica que elaborou a proposta, trazendo controvérsias sobre a implementação e a viabilidade em nosso país.

³ O termo, ainda pouco utilizado no Brasil, é derivado do inglês *ageism*.

Em entrevista para o portal da Carta Maior, a coordenadora do Grupo de Estudos em Saúde e Envelhecimento da Fiocruz, Dalia Romero (2018), reforça a ideia de que o modelo neoliberal é o mesmo que a desprezará na velhice:

A transição demográfica levou a acentuada redução do tamanho familiar. Deste modo, cada vez mais nós encontramos idosos economicamente bem-sucedidos, mas morrendo de tristeza e abandono porque o modelo neoliberal impõe a individualidade. As redes sociais de apoio são abandonadas dentro deste modelo assim como os dispositivos coletivos e comunitários. Já os idosos pobres, que sempre conviveram com tanta adversidade, especialmente as mulheres, aprenderam que uma rede de amigos, familiares e vizinhos é fundamental quando chega a velhice.

Dessa forma, é possível observar múltiplos sentidos referentes à experiência do envelhecimento feminino no audiovisual. Notamos que sentidos positivos, concorrentes aos estímulos da medicalização, corpo perfeito e cultura do consumo, estão cada vez mais representados pelo cinema.

Vale frisar que os meios de comunicação assumiram, nas sociedades contemporâneas, um lugar importante de produção e circulação de sentidos sobre os temas da vida e do cotidiano, entre eles a velhice. O cinema é um desses espaços privilegiados. Por meio das imagens, o espectador projeta seus desejos, se identifica e se reelabora. As imagens do cinema têm também potencial tanto para proporcionar transformações sociais quanto para reafirmar realidades existentes.

O espaço que o envelhecimento feminino tem conquistado em produções cinematográficas estimula novas visões e reflexões fundamentais sobre as identidades midiáticas femininas. Pretende-se investigar nessa pesquisa os sentidos relacionados ao envelhecimento da mulher em produções cinematográficas nos contextos brasileiro e chileno. Nesse processo, consideramos mapear os discursos, as matrizes de resistência acerca da realidade enfrentada, suas permanências e rupturas.

Tomamos como objeto empírico os longas-metragens *Aquarius*, de Kleber Mendonça Filho (2016), e *Gloria*, de Sebastián Lelio (2013), para compreender a relação entre o imaginário social contemporâneo sobre a mulher e seu processo de envelhecimento e seus contextos. Pretende-se, portanto, comparar os sentidos construídos em torno da mulher de 60 anos no Brasil e no Chile, país vizinho, e verificar suas ambiguidades e compatibilidades. A escolha desses filmes se justifica

pelo fato de ambos terem como personagem central uma mulher da faixa etária analisada, terem obtido sucesso de crítica especializada e de bilheteria, além de terem alcançado repercussão internacional.

Apesar de a construção histórica, social e cultural do imaginário coletivo sobre a velhice parecer associá-la a dificuldades, sobretudo diante das perdas vivenciadas durante o envelhecer – corpo, término de relações amorosas, sociais, familiares, profissionais –, a hipótese deste estudo é de que existe, nos filmes escolhidos, um debate sobre os comportamentos naturalizados na sociedade a respeito do envelhecimento da mulher.

2. OBJETIVOS

O objetivo geral deste estudo é refletir a respeito da produção social dos sentidos sobre o envelhecimento feminino construídos no cinema nos filmes *Aquarius* e *Gloria*. Em face das mudanças vivenciadas pelas personagens e do papel do cinema na construção dos sentidos, este estudo pretende especificamente:

1. analisar como os sentidos nesses filmes são construídos de acordo com as culturas e realidades brasileira e chilena;
2. investigar o que é envelhecer na sociedade brasileira contemporânea, considerando a perspectiva de gênero feminino e a produção dos sentidos no cinema;
3. comparar os sentidos produzidos no filme brasileiro com aqueles produzidos num contexto próximo em relação à busca pela juventude; uso de tecnologias médicas; da lógica do risco; e da promoção do autocuidado;
4. compreender como esses sentidos reconfiguram a experiência do envelhecer de acordo com os contextos em que são construídos.

3. JUSTIFICATIVA

Diante do envelhecimento populacional e dos desafios para toda a sociedade, é importante considerar os aspectos socioculturais relacionados à velhice para a expansão do conhecimento sobre essa temática. No caso deste estudo, optou-se pelo cinema como uma das possibilidades para a compreensão desse processo.

O tema é especialmente oportuno na agenda do Brasil, por ser motivo de um dos mais controversos debates na atualidade: a previdência social. Espera-se que a compreensão dos sentidos do envelhecimento feminino presentes nos dois longas-metragens de ficção escolhidos (*Aquarius* e *Gloria*) possam contribuir para subsidiar a formulação de políticas públicas brasileiras voltadas para mulheres nessa fase da vida.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo se estrutura sobre dois eixos teóricos inter-relacionados: o primeiro trata do envelhecimento, entendido como um processo marcado simultaneamente pela biologia, pela cultura e pela história, com destaque para uma perspectiva que relaciona esse processo com corpo e gênero; e o segundo investiga a construção social dos sentidos e a análise do discurso, com ênfase no cinema.

4.1. Envelhecimento feminino na sociedade contemporânea

4.1.1. Problematizando o conceito de velhice

O envelhecimento feminino é um processo multifacetado, levando em conta as múltiplas identidades femininas contemporâneas. Além do aspecto social, envelhecer tem caráter subjetivo, sendo experimentado de formas distintas pelos indivíduos. Iniciamos lançando um olhar para o conceito de velhice e suas muitas inter-relações; ela pode simbolicamente receber conotações diversas: positivas, que envolvem sabedoria, tradição, memória; e negativas, pelas possíveis formas de dependência, perda de capacidades ou mesmo pelo isolamento social. A dimensão existencial de ser velho foi assim entendida por Simone de Beauvoir (1970): tal como em todas as demais etapas da vida, ao chegar à velhice a relação com o tempo se modifica. Por outro lado, o estatuto de ser velho é imposto pela sociedade à qual se pertence. Dessa forma, é possível afirmar que o conceito de velhice é amplo, acompanhado de preocupações sociais e políticas:

Em contraposição ao conceito de velhice como gestão de perdas, propomos que a velhice seja vista como uma relação biopsicossocial, que envolve as trajetórias individuais, familiares, sociais e culturais ao longo do tempo de vida, num entrecruzamento de trabalho/não trabalho; reprodução/infertilidade; normas e papéis de utilidade/inutilidade, defasagem/sabedoria, de isolamento/integração, perdas e ganhos, e de condições de exercício da autonomia/dependência, e de projetos pessoais. Assim, a velhice não é uma categoria homogênea para todos e nem um processo de via única, situando-se nas transições contraditórias das mudanças demográfica, social, cultural e epidemiológica de cada povo. (GOLDMAN; FALEIROS, 2008, p. 28).

Na visão da antropóloga Guita Debert (1999), trata-se de temática marcada por algumas características: a velhice é culturalmente produzida e tem como referências os processos biológicos; é um problema social na sociedade ocidental contemporânea; e é uma fase em que o discurso científico é institucionalizado. A autora afirma que a segmentação do curso da vida surge aos poucos com as diferenças de idade, além de funções e hábitos específicos.

Também é preciso considerar que a velhice, faixa etária em que os indivíduos são considerados velhos, é verificada de formas distintas em cada sociedade. Velhice em uma sociedade ganha significados inúmeros, que dependem dos contextos sociais, culturais, históricos: “A pesquisa antropológica demonstra, assim, que a idade não é um dado da natureza, não é um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem um fator explicativo dos comportamentos humanos” (DEBERT, 1998, p. 9).

Sendo, portanto, as categorias de idade construções históricas e sociais, Debert (1999) salienta que existem inúmeras formas de periodização para a definição do caráter do curso da vida. A autora ressalta que as idades ainda são uma dimensão fundamental na organização social e que dificilmente haveria mudanças sem uma nova cronologização da vida: “Seria um exagero supor que a idade deixou de ser um elemento fundamental na definição do *status* de uma pessoa” (DEBERT, 1999, p. 75).

A padronização das fases infância, adolescência, idade adulta e velhice é uma das razões para o processo de institucionalização da vida. Determina a inclusão da pessoa em determinados papéis sociais ou sua exclusão; como já mencionado, portanto, além de biológico, é processo cultural e histórico. Debert (1999) afirma que essa institucionalização envolve as dimensões do mundo familiar e do trabalho, e está presente na organização do sistema produtivo, bem como nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas, tendo como centro, grupos etários específicos da população.

Beauvoir (1970) também concluiu que diferentes culturas e sociedades estabeleceram formas de hierarquização a partir das idades cronológicas. A coordenadora do Grupo de Estudos em Saúde e Envelhecimento da Fiocruz, Dalia Romero (2018), disse em entrevista para o portal da Carta Maior que:

Simone de Beauvoir, em *A velhice*, bem dizia que tal qual a condição da mulher, ficar idoso é um fato cultural e não apenas biológico. A sociedade fabrica a impotência da velhice, tal qual fabricou a da mulher. Submetida à alienação social, a velhice torna-se um mal para o homem e condição abjeta aos olhos do mundo.

Por serem construções culturais e que mudam conforme a história, as categorias relativas à idade contribuem para o estabelecimento de direitos e deveres em uma dada população, incluindo a definição de distribuição de poder e privilégios. Nesse aspecto, o Estado tem papel destacado, nas sociedades ocidentais, pois é a instituição que regula a vida em sociedade do nascimento até a morte – desde a escola até o trabalho, incluindo a aposentadoria –, se apropriando e/ou fomentando discursos científicos para orientar a forma correta de viver e, dessa forma, reduzir seus gastos com a saúde. A gestão da velhice passa, assim, do âmbito da família para o público: “O Estado é a forma mais diferenciada e desenvolvida do ordenamento político-jurídico que, em nossa sociedade, tende a absorver cada vez mais funções anteriormente próprias da família” (DEBERT, 1998, p. 11).

A ampliação de saberes e de especialistas passa a acusar o indivíduo de sua incompetência com a saúde. Foucault (1979) denominou biopoder esse poder do Estado sobre a vida do indivíduo. A população é vista como recurso do Estado moderno desde o século XVIII. Para Featherstone,

não apenas corpos eram disciplinados e controlados nas prisões, escolas, quartéis, fábricas etc., mas também eram coletados dados estatísticos para se encontrar modos de melhorar a saúde e o condicionamento físico da população, para aumentar a capacidade produtiva da nação e seu potencial de poder. Há uma preocupação, portanto, por parte do estado e das ciências biomédicas para reformar as capacidades do corpo humano, melhorar a saúde e estender a expectativa de vida. (2018, p. 140-141).

No último século, verificou-se um avanço na compreensão das causas do envelhecimento. Apesar do aumento da expectativa de vida, viver mais nem sempre significa viver bem. Talvez a velhice possa estar mais ligada à capacidade de realizar as atividades cotidianas sem esforço do que à idade propriamente dita, mostrando a tendência à “descronologização” do tempo de vida, uma das marcas da sociedade pós-moderna. Sobre o termo, Debert observa o seguinte: “Trata-se de perguntar se a ideia de papéis sequenciados, extremamente divididos por

idades, captaria a realidade social de uma sociedade que atinge o nível de desenvolvimento tecnológico da sociedade contemporânea” (1999, p. 74).

A nova imagem da pessoa com idade avançada produziu um processo chamado por Debert (1999) de reprivatização da velhice, segundo o qual o indivíduo é completamente responsável por essa fase da vida: reiterando, os problemas decorrentes do processo de envelhecimento são de responsabilidade individual. Além disso, um conjunto de discursos empenhados em rever estereótipos negativos da velhice abre espaço para que experiências bem-sucedidas de envelhecimento possam ser vividas coletivamente.

Dessa forma, um movimento inverso acompanha o processo de socialização: transformar os dramas da velhice em responsabilidade individual⁴ com a adoção de formas de consumo, estilos de vida e envolvimento em atividades motivadoras:

Uma nova linguagem pública empenhada em alocar o tempo dos aposentados faz-se presente na desconstrução das idades cronológicas como marcadores pertinentes de comportamentos e estilos de vida. Uma parafernália de receitas envolvendo técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, medicamentos, bailes e outras formas de lazer é proposta, desestabilizando expectativas e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres em estágios mais avançados da vida. (DEBERT, 2018, p. 77).

A naturalização cada vez maior da lógica consumista colabora para a construção de novos modos de vida, que inclui o apagamento da idade. Em entrevista, a doutora em sociologia da Universidade de British Columbia Laura Hurd Clarke (2016) ressaltou como é importante ser jovem e esbelto para ser bem-sucedido na sociedade contemporânea. Ela afirma que existe uma pressão crescente sobre homens e mulheres para ostentar uma aparência de juventude por meio de narrativas do envelhecimento bem-sucedido, adotada por gerontólogos, indústria farmacêutica e cultura de consumo: “Espera-se que você seja *ageless*: alguém sem idade definida” (CLARKE, 2016, p. 153).

⁴ É inegável que a passagem do tempo exerce efeitos sobre a saúde. Nesse aspecto, a lógica neoliberal produz novos sentidos para o corpo, o cuidado com a saúde, o sentir, o pensar e o agir. O autocuidado se coaduna, portanto, com as práticas neoliberais de autorresponsabilidade na gestão do envelhecimento.

Nesse contexto, recorremos a Castro (2012) para entender como as narrativas de consumo constituem parte importante das representações sociais vigentes: “A transformação da velhice em segmento de consumo, a construção discursiva do ideário *ageless* e da juventude como valor articulam as formas de discriminação com base no preconceito etário” (CASTRO, 2012, p. 4). Esse preconceito é maior entre as mulheres, em decorrência do fato de elas serem definidas pela aparência.

Castro (2017) aponta ainda que estereótipos negativos associados ao idadismo acionam atitudes nas quais se mesclam de modo inconsciente graus variados de condescendência e negligência em relação aos mais velhos (CASTRO, 2017, p. 49). A discriminação por idade ocorre de inúmeras formas e muitas vezes de modo naturalizado pela sociedade: seja infantilizando o idoso, seja mostrando-o como alguém frágil e dependente: “O conceito da velhice como sinônimo de doença [...] ainda é bastante disseminado e compõe o imaginário social a respeito do longeviver apesar da diversidade das velhices existentes ao nosso redor” (CÔRTE, 2018, p. 35).

Por fim, a mídia, incluindo a publicidade, dá forma, atualiza e faz circular os conceitos e discursos sobre o envelhecimento no mundo moderno. Sobre esse aspecto, Côrte afirma que as informações divulgadas “apelam para as emoções e crenças pessoais em relação ao envelhecimento, sendo uma das principais a de que velho é aquele que está doente; por isso ninguém quer ser nomeado velho, ou então que todo velho é sábio, bonzinho etc.” (CÔRTE, 2018, p. 40). Dessa forma, de acordo com Côrte, a idade acaba sendo por si só uma definição da incapacidade, independentemente das capacidades intrínsecas de cada um, assim como ocorre na discriminação por gênero ou raça.

4.1.2. Envelhecimento, corpo e gênero

Como já dito, o processo de envelhecimento é marcado por questões de gênero e se materializa no corpo. Para este trabalho, que se interessa pelo envelhecimento feminino, é um tema que orienta teoricamente a forma como o objeto será analisado. O ponto de partida das reflexões deste tópico é o conceito de gênero trazido por Judith Butler (1990). Para a autora, gênero é construído pelas

performances; sua existência só é materializada nas práticas sociais, assim como o sexo, que também é socialmente construído:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado; tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 1990, p. 25).

Sendo assim, evidencia a autora, corpo biológico não determina valores, códigos culturais ou papéis. Butler pensa gênero como *performance* que pode ser realizada por meio de qualquer corpo; é nesses corpos que as práticas sociais e discursivas se inscrevem. Dessa forma, se poderia dizer que gênero tem ligação com fenômenos da vida prática, sendo conceito relacional e contextual. Lembramos as práticas sociais hierarquizadoras e a análise de Foucault (1987) sobre o modo como o corpo está inserido em um jogo de poderes, sujeito a proibições e obrigações que determinam gestos e atitudes, por meio de discursos regulatórios quando se trata de gênero.

Os cuidados com o corpo são atravessados por discursos e saberes difundidos em áreas distantes das questões da saúde pública. Goldenberg (2009) assinala que a cultura brasileira, particularmente a cultura carioca, a partir da valorização de determinadas práticas, transforma o que é “natural”, o corpo, em um corpo distintivo:

“O corpo” é verdadeiro capital, um corpo distintivo, que sintetiza três ideias: a de símbolo do esforço que cada um fez para controlar, aprisionar e domesticar seu corpo para atingir a boa forma; a de grife que distingue como superior aquele ou aquela que o possui; e a de prêmio para os que conseguiram alcançar, com muito trabalho, sacrifício, tempo e dinheiro, as formas físicas consideradas mais civilizadas. (GOLDENBERG, 2009, p. 194).

Em sua análise, Goldenberg (2006) afirma que o corpo é a imagem da sociedade e que o individualismo e as pressões sociais por um corpo perfeito caminham juntos. O corpo da mulher brasileira, de um lado se emancipou das servidões sexuais, procriadoras ou indumentárias; e de outro, encontra-se submetido a pressões estéticas capazes de gerar ansiedade. “Vivemos um

‘equilíbrio de antagonismos’: um dos momentos de maior independência e liberdade femininas é também aquele em que um alto grau de controle em relação ao corpo e à aparência se impõe à mulher brasileira” (GOLDENBERG, 2006, p. 122-123).

Nesse contexto, como nos lembram Araújo e Cardoso (2014), o poder simbólico (“poder de fazer ver e fazer crer”) é uma força de exercício de poder que tanto pode ser praticado e sofrido por indivíduos quanto por outros atores sociais, como as instituições. A expressão, cunhada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1987), significa a capacidade da intervenção dos meios de produção e transmissão de formas simbólicas nos acontecimentos, influenciando ações e as reconhecendo como legítimas. Para Araújo e Cardoso,

a realidade se oferece aos nossos olhos mediada por alguma teoria, no seu sentido lato. Mesmo a observação da realidade física é mediada por alguma construção anterior, que corresponde ao meio e à cultura em que vivemos. Daí a importância de conhecermos a história das ideias: quanto mais sabemos sobre a origem dos modos de ver, mais podemos avaliar se queremos ou não ver daquele modo e aí reside nossa potencial capacidade de transformar a realidade. (ARAÚJO; CARDOSO, 2014, p. 36).

O modo como se percebe, se entende e se pratica a comunicação interfere na distribuição de poderes na sociedade, particularmente na saúde. Nessa perspectiva, as relações de comunicação dependem do capital simbólico (ideias, opiniões, conhecimentos) acumulado pelos agentes, e os detentores de saber e do poder (“vozes da verdade”) não têm interesse de saber quais são os outros saberes que estão em circulação. Então a luta pelo poder simbólico é para impor a definição de um mundo social segundo seus interesses e na construção da legitimidade do interlocutor, na crença nas palavras e naqueles que as enunciam.

Para Bourdieu (1987), a juventude e a velhice são socialmente construídas na disputa por parte dos velhos pelo espaço que é privilegiadamente concedido aos jovens. Explica-se tal fato, observando o número de mulheres brasileiras que realizam cirurgias estéticas anualmente em busca de um corpo perfeito. Sabe-se que são várias barreiras vencidas pelas mulheres para a conquista da liberdade e por postos de reconhecimento. Ao mesmo tempo, no entanto, elas se tornaram reféns da ditadura da juventude, que engloba cuidados excessivos com o corpo e aparência. Tudo em favor de um padrão de beleza ditado socialmente.

Segundo a pesquisa Globe Newswire (2017) da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS), somos o segundo país do mundo em intervenções estéticas⁵ cirúrgicas (implante de silicone nos seios ou lipoaspiração) ou não cirúrgicas (aplicação de toxina botulínica ou preenchedores), seguido dos Estados Unidos. O relatório mostra que são feitos mais de dois milhões de procedimentos estéticos por ano. Os números nos levam a crer que essa preocupação estética está naturalizada no cotidiano de muitas pessoas de todas as idades. Ainda que se perceba a aproximação pela construção de um corpo perfeito, essa preocupação em se encaixar em um padrão de beleza se distancia da subjetividade e singularidade do indivíduo. Essa perspectiva mostra como o discurso biomédico constrói e legitima comportamentos, a fim de levar o corpo a atingir padrões impostos socialmente, que desconsideram a diversidade.

Representar, dramatizar, reproduzir parecem ser algumas das estruturas elementares da corporalização. Essa produção de gênero não é meramente um modo pelo qual os agentes corporalizados se exteriorizam, emergem e se abrem à percepção dos outros. A corporalização manifesta claramente um conjunto de estratégias ou aquilo que Sartre chamaria de um estilo de ser, ou Foucault de “uma estilística da existência”. Esse estilo nunca é completamente autoestilizado, visto que os estilos de viver têm uma história, e que essa história condiciona e limita as possibilidades. (BUTLER, 2011, p. 73).

Com relação ao Brasil, o país é um dos maiores mercados consumidores do mundo de produtos de beleza e tratamentos antienvhecimento, sobretudo por parte das mulheres, em busca de uma juventude fictícia e por se sentirem merecedoras de ter uma “velhice cuidada” ou “velhice enxuta”. Esse crescimento da indústria da estética também tem sido impulsionado pelas entradas das mulheres de classes C e D no mercado consumidor. “Como aprendemos na antropologia, a cultura brasileira veste o nosso corpo. Pode-se dizer que no Brasil o corpo é muito mais importante do que a roupa [...]. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição deste corpo capital” (GOLDENBERG, 2011, p. 79).

⁵ Em decorrência do avanço da medicina antienvhecimento, o Conselho Federal de Medicina (CFM) divulgou resolução objetivando, entre outros fatores, impor limites a diversos tipos de prática, entre elas, “quaisquer terapias antienvhecimento, anticâncer, antiarteriosclerose ou voltadas para doenças crônicas degenerativas” (CFM, 2010). [Acesso em: 17 jan. 2019].

No Chile, de acordo com pesquisadores do Programa Interdisciplinario de Estudios Gerontológicos, da Universidade de Chile, tentar retardar o envelhecimento também se tornou uma obsessão no país, bem como fonte de renda da indústria ao criar hábitos de consumo diferentes. Concluíram que, além das cirurgias, cosméticos, equipamentos de exercício físico, vestuário, suplementos vitamínicos, antioxidantes, uma gama de produtos e serviços prometem a recuperação da juventude. Na análise, é mencionada a importância que séries e filmes têm sobre esse aspecto, “uma vez que seus formatos de dramatização suportados por imagens são especialmente apropriados para captar a atenção do público” (PERCEPCIONES, s.d.).

Como aponta Castiel (2016) em seu vasto estudo sobre risco e estilo de vida saudável, ao mesmo tempo em que se ampliou o terreno precarizado das vias simbólicas que existiam para enfrentar a finitude humana, o mercado se encarregou de oferecer um cobiçado objeto de desejo de consumo: a mais-longevidade pelas técnicas de melhoramento.

O culto ao corpo perfeito, a banalização de intervenções estéticas e a intensificação do cuidado de si refletem uma busca desenfreada pelo desaparecimento dos sinais do tempo, na contramão dos desgastes inevitáveis no curso da vida. O físico é visto como capital para ascensão social em todas as classes sociais. Bourdieu (1987) afirma que não é um corpo indistinto dado pela natureza. É um corpo trabalhado, saudável, bem cuidado, paradoxalmente uma ‘natureza cultivada’, uma cultura tornada natureza. Um capital simbólico ligado ao prestígio e estilo de vida.

Essa estetização da saúde e do estilo de vida constitui processos que também crescem muito entre pessoas de idade avançada visando ao adiamento do envelhecimento. Consumismo e beleza, aliás, costumam caminhar juntos, sendo componentes do processo de medicalização, como sinaliza Ferreira:

o crescimento do número de cirurgias plásticas no Brasil e a expansão da indústria da beleza, dos cuidados com o corpo e da metamorfose corporal fazem parte de um processo mais amplo de medicalização, no qual a tecno-racionalidade médica é levada a novas esferas da vida cotidiana. A popularização desses serviços e a banalização desses procedimentos cirúrgicos levam a novas construções de sentidos sobre o corpo colocando-o como um artefato a ser modelado, um corpo de ocasião, que atenda ao interesse do momento. (2006, p. 112).

Os riscos de adoecer são elementos fundamentais para uma regulamentação da vida, e a medicina entra nesse contexto como instrumento importante ao encantar pacientes, que recebem tratamentos precoces e muitas vezes desnecessários em nome do bem-estar. Novos estilos de vida surgem com base na prevenção de condutas e de comportamentos de risco. A sociedade contemporânea é marcada então pela regulação dos cuidados individuais: “Comportamentos considerados ‘protetores’ de doenças não transmissíveis compõem o cardápio de práticas permitidas que englobam estilos de vida saudáveis, exaustivamente alardeados” (CASTIEL; GUILAN; FERREIRA, 2010, p. 44). As trajetórias e práticas discursivas das personalidades públicas são exemplos de bom ou mau envelhecimento, levando-se em conta o corpo e o estilo de vida. Como explica Sacramento,

a cultura de consumo contemporânea se insere na concepção prevalecente de autoaprimoramento do corpo, que encoraja o indivíduo a adotar estratégias instrumentais para combater a deterioração (aplaudidas também pelas burocracias estatais que procuram reduzir os custos de saúde educando o público contra a negligência corporal, o sedentarismo e toda prática contrária ao bem-estar e à boa forma. (2016, p. 3).

Cabe reforçar o investimento acelerado na prevenção de doenças, envelhecimento e promoção por parte da indústria – incluindo o que é feito via publicações e mídia de massa –, com intensa propaganda e estratégias de comunicação voltadas para o prolongamento da vida e produção de novos sentidos no cotidiano, por meio de exercícios físicos, dietas focadas em aumento da *performance*, alimentação saudável, entre outros aspectos. O estilo de vida passa a ser negócio, e a vida em sociedade sempre na forma de controle e regulação. Vemos a saúde ser mercantilizada e financiada pelo capitalismo. Se há uma mudança nos hábitos de vida, há chances de o indivíduo não adoecer; se, contudo, adoecer, é ele o culpado ou o responsável. E a disputa de poder e de legitimidade no embate dos problemas de saúde é acentuada.

Mais uma vez são alimentadas a valorização da beleza, a juventude, o consumismo, a vaidade e a preocupação constante com a forma física, sobretudo no que tange às mulheres. Bordo (2003) analisa o caso de mulheres que conseguem obter a dita “eterna juventude” *versus* as que não têm investimento para conquistar uma aparência jovial:

Para adicionar insulto ao ferimento, a retórica do feminismo tem sido utilizada para auxiliar o avanço e justificar as indústrias anti-idade e de alteração corporal. *Lifting* facial, implantes, lipoaspiração são anunciadas como uma tomada de poder, de controle sobre a própria vida [...]. Na medida em que os cirurgiões desenvolvem cada vez mais extensivos e refinados procedimentos para corrigir a gravidade e apagar a história dos rostos das pacientes, a diferença entre as mulheres cosmeticamente alteradas e o resto de nós se torna cada vez maior e mais dramática. “O resto de nós” inclui não somente quem tem resistência ou medo de uma intervenção cirúrgica, mas a maioria das pessoas, que não podem arcar sequer com um plano de saúde básico, quanto mais com um conserto estético. (BORDO, 2003, p. 11).

Para iniciar o breve debate sobre as contradições entre o direito e o dever de as mulheres terem um corpo em forma, é válido iniciar com o entendimento: ora elas são cobradas para se manter jovens, ora por se manter jovens. O direito de ter um corpo malhado com mais de 60 anos de idade, incluindo o “combo” alimentação saudável, exercícios físicos e noites de sono bem dormidas, mostra a preocupação além do limite com a imagem e a busca pela transformação dos corpos em vitrinas. Conforme assinala Paula Sibilia,

no império da cultura audiovisual hoje triunfante, a catástrofe se estampa nos traços *visíveis* do envelhecimento, que se consideram marcas de fraqueza ou sinais de uma derrota e, por tal motivo, seriam moralmente condenáveis. À luz desse julgamento, ter a coragem de ostentá-los despudoradamente equivale a praticar uma nova forma de obscenidade. Mas o que se ofenderia exatamente com tal desvergonha? Assim como acontece com todas as outras “imperfeições” e “impurezas” que o tempo cinzela nos corpos humanos, as rugas constituem uma afronta à tirania da pele lisa sob a qual vivemos. (2012, p. 100).

Além de o universo midiático promover a associação da mulher a um corpo jovem, grande parte dos produtos culturais tende a estimular a feminilidade, com a intensificação de temas relacionados à sedução, casamento, família e frivolidades, resumindo-as, portanto, a meras consumidoras. Em contrapartida, existem as mulheres que assumem e expõem seus corpos, desafiando os ideais dominantes de corpo perfeito, se reconhecendo como são, em suas diversas formas, tamanhos, especificidades e experiências.

Goldenberg (2009) faz uma comparação interessante entre as mulheres alemãs e as brasileiras. A autora destaca que para as alemãs, mulheres consideradas interessantes são as que têm algum tipo de relação com o mundo

intelectual: são mulheres de ideias interessantes, seguras, assertivas, independentes economicamente, e muito mais independentes do olhar dos outros. “Aqui [no Brasil], é impossível imaginar que uma mulher como esta seria considerada interessante” (GOLDENBERG, 2009, p. 993).

Retomando a lógica industrial sobre o controle dos corpos, pessoas saudáveis preocupadas com a saúde também são alvo da indústria farmacêutica, que, por meio de ações de sensibilização, estimulam a medicação – ainda que essas pessoas não tenham adoecido.

No Brasil, segundo dados do *Anuário Estatístico do Mercado Farmacêutico 2016*,⁶ elaborado pela Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos (CMED) da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa, 2016), o volume de comercialização da indústria farmacêutica no Brasil alcançou faturamento total da ordem de R\$ 63,5 bilhões em 2016, com a venda de 4,5 bilhões de produtos. Na atualidade, os processos de medicalização (CONRAD, 1992) mobilizam outros segmentos e forças sociais, além de intensificar a realização de procedimentos profissionalizados, diagnósticos e terapêuticos (às vezes desnecessários e até prejudiciais para indivíduos e sociedade). Não se pode deixar de considerar a importância de se problematizar a medicalização e de se valorizar abordagens que levem em conta fatores subjetivos e sociais relacionados ao processo saúde/doença, incluindo os contextos socioculturais, econômicos, históricos e políticos.

De outro modo, os avanços da medicina também proporcionaram mais qualidade a uma vida cada vez mais longa. A concepção de envelhecimento segundo a perspectiva da medicina *anti-aging*⁷ passa a ser utilizada para a prevenção de doenças e a promoção da saúde. Por meio dessas técnicas de antienvelhecimento, é possível identificar a doença antes que ela se manifeste, bem como realizar tratamento personalizado – que se distancia da abordagem mecanicista do corpo humano concebida pela medicina convencional – para

⁶ O anuário traz ainda os medicamentos consumidos pelos brasileiros, bem como os recursos movimentados no período.

⁷ O Conselho Federal de Medicina (CFM) afirma que não existem evidências científicas que justifiquem essa prática, tendo proibido as terapias antienvelhecimento no país em 2012 por meio da Resolução nº 1.999/2012. A autarquia também não considera habilitado o profissional que atua na área. Disponível em: <<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2012/1999>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

combater os danos ocasionados no organismo. Ou seja, como observa Rougemont (2016), o envelhecimento é então concebido como um processo de adoecimento e desencadeador de doenças e intervenções médicas. “Nessa perspectiva, ser velho não é uma consequência de viver muitos anos, mas o acúmulo de patologias e disfunções. Uma vez que a abordagem *anti-aging* argumenta ser possível e viável intervir nesse processo, o envelhecimento deixa de coincidir com o ciclo de vida” (ROUGEMONT, 2016, p. 50). Portanto, segundo a autora, a concepção do envelhecimento passa por uma transformação, que afasta o envelhecer da última fase da vida. “Na concepção *anti-aging*, a decadência biológica, o corpo doente e frágil, não ocorre pela passagem do tempo, mas na passagem do tempo” (ROUGEMONT, 2016, p. 55).

Ainda que a medicalização se insira como fenômeno comum na sociedade contemporânea, entendemos que o ser humano é sujeito e não deveria ser cliente do sistema de cuidado ou consumidor de saúde. Sobre o assunto, Luiz Marcelo Robalinho Ferraz (2014) chamou a atenção para a seguinte questão: quando a saúde se torna mais dever do que o direito de estar bem, o consumo e a normatização do cuidado caracterizam aspectos da medicalização (Ferraz, 2014, p. 233). Dessa forma, segundo o autor, os remédios acabam se tornando artigos de necessidade básica e criam padrões saudáveis na rotina do indivíduo. Sobre o assunto, Camargo Jr. (2007) afirma que os meios de comunicação de massa veiculam não apenas a propaganda, ainda que dissimulada, de determinados remédios, mas todo um imaginário de “saúde perfeita” por meio do consumo.

Estudiosos têm explorado outras possibilidades de compreensão do fenômeno com a atualização da medicalização para o termo “biomedicalização” – que teve seu surgimento na década de 1980, com a integração de novas tecnologias, diagnósticos e tratamentos. Na visão de Clarke e seu grupo, biomedicalização é formada por cinco processos, entre eles o que promove a transformação dos corpos e identidades e amplia a noção do corpo como passível de intervenções médicas para controlar o envelhecimento, descartando também as subjetividades. A partir da perspectiva de Clarke et al.,

a biomedicalização é o nosso termo para os processos cada vez mais complexos, multilocalizados e multidirecionais de medicalização que hoje estão sendo estendidos e reconstituídos por meio de emergentes formas e práticas sociais de uma

biomedicina cada vez mais tecnocientífica. (2003, p. 162; tradução nossa).

Fabiola Rohden (2017) aponta pertinente reflexão de Clarke e colaboradores sobre o processo de culpabilização e responsabilização do indivíduo por suas ações. “A preocupação com a saúde passa a ser um atributo moral do indivíduo, que precisa estar informado a respeito dos novos conhecimentos, das práticas de cuidado de si, prevenção e tratamento das doenças, e disposto a consumir os recursos agora disponíveis (CLARKE et al., apud ROHDEN, 2017, p. 40).

De acordo com essa visão, entende-se que a biomedicalização está em sintonia com a governamentalidade biomédica, ou seja, com a regulação dos indivíduos e a imposição de formas específicas de conduta. Tudo isso para a transformação do corpo, da saúde e do eu. Para Foucault,

a consciência de próprio corpo só pode ser alcançada pelo efeito de um investimento de poder no corpo: ginástica, exercícios, musculação, nudismo, exaltação da beleza física. Tudo isso diz respeito à linha que leva ao desejo em relação ao corpo, por meio de manipulação insistente, persistente e meticulosa do poder sobre os corpos de crianças e soldados, corpos sadios. Mas logo que o poder produz esse efeito, inevitavelmente surgem, em resposta, reivindicações e afirmações, as do próprio corpo contra o poder, as da saúde contra o sistema econômico, as do prazer contra as normas morais da sexualidade, do matrimônio, da decência. De súbito, o que tornara forte o poder passa a atacá-lo. O poder, após investir-se no corpo, encontra-se exposto a um contra-ataque no mesmo corpo. (FOUCAULT, 1980, p. 56 apud LUPTON, 2000, p. 16).

Débora Lupton (2000) questiona a construção das subjetividades e dos corpos nos discursos, bem como a função do não discursivo nesses processos, e se é possível o desafio ou a não conformidade aos imperativos do conceito de governamentalidade no esquema de Foucault. A autora amplia a discussão apontando para a maior atenção dada às questões da saúde da mulher do que à saúde dos homens quando se trata das representações culturais; na literatura sociológica, o processo de corporificação feminino também é mais evidenciado por meio de mais escritos e críticas.

Sobre esse aspecto, nos lembramos das personagens femininas dos filmes escolhidos como objeto da pesquisa, que se destacam por não demonstrar interesse específico em reproduzir aparência e comportamento relativos à

juventude. A experiência, as realizações, a sabedoria e a maturidade parecem preponderar em suas vidas e talvez possam ser ditas como características benéficas da velhice.

A preocupação com os parâmetros estéticos expressa um aprisionamento do sujeito em um discurso voltado para a lógica capitalista. Ao mesmo tempo, a preocupação com forma física e saúde pode ser benéfica para o indivíduo e aumentar seu bem-estar e confiança no mundo e nas coisas.

Lupton (2000) sinaliza que muitos indivíduos adotam ou assumem as exigências relativas à promoção da saúde em função de seu estado de saúde. Já outros resistem à adoção dos conselhos de preservação da saúde, e outros tantos desistem muito rapidamente de suas tentativas nesse sentido. “Algumas pessoas sentem prazer [...] na adoção das práticas e crenças de promoção da saúde em seu cotidiano, enquanto outras acham tais exigências simplesmente muito limitantes” (LUPTON, 2000, p. 43).

Nesse sentido, Featherstone (2018) traz uma reflexão importante: a cultura do consumo encoraja não só o consumo de bens, mas de nós próprios; sendo assim, é bem melhor se divertir em uma vida plena e feliz, já que uma vida longa, cercada de cuidados e sem aventuras seria demasiadamente monótona: “Nossa capacidade de construir uma vida satisfatória, porém, depende do nosso corpo, e precisamos nos engajar no cuidado desse corpo tanto quanto nos cuidados de nós mesmos” (FEATHERSTONE, 2018, p. 157).

4.1.3. O envelhecer no Brasil e no Chile: algumas dimensões socioeconômicas

Neste subtópico, serão descritas brevemente algumas características relacionadas ao envelhecer no Brasil e no Chile, países onde foram produzidos os filmes *Aquarius* e *Gloria*, escolhidos para estudo neste projeto. Primeiramente, cabe destacar a definição de idoso nesses países. No Brasil, o Estatuto do Idoso (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005), Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, define como idoso quem tem 60 anos ou mais. Da mesma maneira, de acordo com o Servicio Nacional del Adulto Mayor (SENAMA, s.d.), do Ministerio de Desarrollo Social de Chile, a Lei 19.828, de 17 de setembro de 2002, define como idoso qualquer pessoa que tenha atingido a idade de 60 anos. A OMS, (2015), por sua

vez, desde 1984, considera idosa a pessoa com idade a partir de 60 anos em países em desenvolvimento e com 65 anos ou mais em países desenvolvidos. A institucionalização cronológica das fases da vida, como mostrado anteriormente, é fato que pode gerar efeitos em diferentes setores da sociedade, como a previdência e a saúde.

Nessa linha de reflexão, Kalache (1987), já no século passado, afirmou que as consequências na nova ordem demográfica brasileira são imensas, sobretudo quando observada a perspectiva de que os fatores associados ao subdesenvolvimento continuarão se manifestando por tempo indefinido. Quanto a esse processo, ressalta-se que, além de problemas estruturais que envolvem a saúde, a educação, a moradia, o saneamento, o país terá que lidar com uma população composta por número expressivo de idosos. Em 2019, há nove jovens para um idoso. Em 20 anos, haverá um idoso para cada jovem, mostrando que diante dessa mudança brusca na pirâmide etária do país, a velhice será uma fase de vida ainda mais longa e com muitos desafios e conflitos complexos.

O Chile também enfrenta acelerado crescimento da população idosa. Segundo o Instituto Nacional de Estadísticas do Chile (INE) em documento divulgado em 2007, uma em cada dez pessoas está entre os 60 e os 65 anos de idade. Em 2025 as estimativas mostram que essa proporção será de uma para cinco.

Essa ascensão da expectativa de vida, além de promover um crescimento populacional, gera preocupações institucionais e sociais com respeito à qualidade de vida dessa população. Atualmente, no Brasil, o aumento de recursos destinados à saúde pública e à previdência social está sendo debatido. Daí a importância da implementação de ações governamentais que possam garantir o bem-estar da população idosa e viabilizar um envelhecimento acompanhado de desenvolvimento econômico e social.

Paralelamente, o crescimento acelerado da população brasileira gera um aumento no número de aposentados e provoca um aumento dos custos do sistema de previdência, fato que mostra reflexos no quadro fiscal do país. Para enfrentar o envelhecimento da população, o atual ministro da Economia, Paulo Guedes, em matéria em *O Globo* (2019) propõe a adoção de um novo modelo previdenciário, o de capitalização, inspirado no sistema chileno, concebido na década de 1980 sob

a ditadura de Augusto Pinochet. No modelo de capitalização, o valor da aposentadoria do trabalhador depende de sua contribuição ao longo da vida. Difere do modelo de seguridade social atual do Brasil, o de repartição, em que trabalhadores ativos contribuem para o pagamento das aposentadorias dos inativos. Uma alíquota que varia de 8% a 11% do salário do empregado é descontada da folha de pagamento; já o empregador paga cerca de 20% do vencimento bruto de cada funcionário.

No Chile, o trabalhador destina 10% de seu salário a fundos previdenciários privados, com administração em torno de 1%. Vinte anos de contribuição é o tempo exigido para homens e para mulheres. Esse modelo chileno, no entanto, é contestado por gerar pobreza na velhice, sobretudo de mulheres, motivada, entre outros fatores, pela desigualdade no mercado de trabalho. Segundo *O Globo* (2018), 79% das pensões pagas no país entre 2007 e 2014 eram inferiores a um salário mínimo. A falta de perspectiva gerada pelo modelo de previdência privada chilena é comprovada pelo número de suicídios de idosos naquele país. Estatísticas publicadas em agosto de 2018 pelo INE, entre 2010 e 2015, comprovam 17,7 suicídios por 100 mil habitantes, apresentando os maiores de 80 anos a maior taxa de suicídio do país. A faixa etária que se segue inclui pessoas entre 70 e 79 anos, com taxa de suicídio de 15,4. O estudo também indicou que 84% dos casos de suicídios são de homens.

Para contextualizar, atualmente existem duas formas para se aposentar no Brasil: por idade, sendo 65 anos (homens) e 60 anos (mulheres), com no mínimo 15 anos de contribuição; ou por tempo de contribuição, sem exigência mínima de idade, mas com 35 anos (homens) e 30 anos (mulheres) de contribuição ao INSS. A proposta do atual governo encaminhada ao Congresso fixa a idade mínima para se aposentar no Brasil: 65 anos para homens e 62 para mulheres.

A desvalorização da velhice no Brasil e no Chile fica clara quando não se oferecem condições materiais adequadas para o enfrentamento das possíveis dificuldades que vão surgindo nesse período da vida. O lugar da velhice na sociedade contemporânea de ambos os países se caracteriza pela negação dos cuidados. Vale lembrar que o aumento da taxa de envelhecimento das populações no mundo é questão econômica, social e de saúde pública, sobretudo em países em desenvolvimento.

4.2. Produção de sentidos e análise do discurso

Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que os sentidos sobre dado tema são socialmente construídos por práticas sociais e discursivas, e o cinema é uma das modalidades em que, numa via de mão dupla, os sentidos sobre o envelhecimento são postos em circulação. Para discutir o processo de produção social dos sentidos, recorreremos a autores que evidenciam a relação entre língua, discurso e poder.

Barthes – sob a influência da linguística de Ferdinand de Saussure – afirma que língua e discurso não podem ser desvinculados, pois estão no mesmo eixo de poder: “A língua afluí no discurso, o discurso reflui na língua, eles persistem um sob o outro, como na brincadeira de mão. A distinção entre língua e discurso não aparece mais, senão como uma operação transitória” (BARTHES, 1977, p. 14). A linguagem, para Barthes, é sempre ideológica.

A partir dessa perspectiva, o autor passou a não conceber mais a existência de um nível de significação neutro para conceber o discurso como discurso de poder: “O poder mora no interior do próprio discurso. Faz parte da sua arquitetura textual. Todo dispositivo de enunciação é um dispositivo de poder” (GOULART, 2004, p. 88). Influenciado por Foucault, no final dos anos 1980, Barthes passa a perceber o poder como algo que está ligado a todos os aspectos da vida humana. Portanto, o poder passa a ser desconstruído em função de seu discurso polifônico,

constituído por diferentes interesses, que ora convergem, ora são dissonantes e que compreendem muito mais que saberes específicos, em um arco de abrangência que vai desde sua história até suas tecnologias, passando por agentes e agendas, instituições e políticas, lutas e discursos, teorias e metodologias, conflitos e negociações, sujeitos individuais e coletivos. (ARAÚJO, 2017, p. 11).

Conforme o filósofo russo Mikhail Bakhtin, a linguagem é território de conflito e jamais se estabiliza; a língua é viva, em toda a sua integridade, sendo fundamental na mediação: “A língua é, assim como é para Saussure, um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação” (BAKHTIN, 2006, p. 7). É, portanto, uma arena de lutas em que há disputas de diferentes interesses, está no centro da produção de sentidos, estabelecendo relações sociais e fatos. “A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica [...]. É capaz

de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”. (BAKHTIN, 2006, p. 42). O autor também desenvolveu outros conceitos interessantes que contribuiram para olhar nosso objeto de pesquisa: dialogismo e polifonia. Em sua visão, o discurso é atravessado por outros discursos; sua verdadeira substância é constituída pelo fenômeno social de interação verbal:

A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores [...]. A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é uma *contradictio in adjecto*. (BAKHTIN, 2006, p. 122).

Bakhtin reconhece que as palavras são polifônicas, e seus significados, determinados por inúmeros contextos. Dessa forma, o discurso está envolto numa dialogia na qual cada palavra, enunciado ou narrativa carregaria consigo os traços de todos os sujeitos, possíveis e reais, que já empregaram tal palavra, enunciado ou narrativa. As vozes das relações dialógicas são individuais e sociais, e isso pode mudar dependendo da situação de enunciação. Esse conceito é importante para o desenvolvimento da enunciação: “Todo texto se constrói por um debate com outros – o que foi denominado de dialogismo por Mikhail Bakhtin” (PINTO, 1999, 31).

Benveniste (1989) também considera a língua fato social, bem como que ela só pode ser compreendida como um todo na enunciação; é o lócus em que o indivíduo se constitui como falante e como sujeito. A linguagem põe e supõe o outro. “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. [...] Na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). A enunciação para o autor é compreendida como um processo em que o locutor faz uma apropriação da língua para falar; logo, a enunciação está ligada à língua:

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como uma apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Dessa forma, o autor salienta que a enunciação é constituída por parâmetros que permitem a comunicação, concebidos como o locutor, o interlocutor, o lugar e o tempo.

Nessa perspectiva, trazemos a reflexão de Pinto (1999) que diz ser por meio do texto que são encontradas as marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos:

O ponto de partida de qualquer análise de discursos sendo sempre produtos culturais empíricos produzidos por eventos comunicacionais entendidos como textos, é necessário que o analista dê uma atenção especial à “textura” dos textos, quer quanto ao uso da linguagem verbal, quer quanto ao uso de outras semióticas (pace Bourdieu). (PINTO, 1999, p. 26).

Para esse autor, conceber os discursos como práticas sociais pressupõe que a “linguagem verbal e as outras semióticas com que se constroem os textos são partes integrantes do contexto sócio-histórico e não externas às pressões sociais” (PINTO, 1999, p. 28).

A partir dos sentidos do envelhecimento feminino no cinema, objeto deste trabalho, e da manifestação simbólica do envelhecimento, podemos refletir sobre a temática feminina diante das práticas patriarcais, comuns na cultura brasileira, bem como as marcas corporais trazidas pelo envelhecer. Essas novas percepções ganham papel importante para a reconstrução de modelos simbólicos.

A Teoria dos Discursos Sociais concebida por Verón (2004) mostra que o discurso resulta das condições sociais de produção e espaço de lutas pelo poder. O autor traz para a discussão o fato de que não existe produção de sentidos sem o dispositivo da enunciação, “termo que designa a forma pela qual as vozes plurais de um discurso se organizam e dialogam” (ARAÚJO, 1995, p. 178). Nesse contexto, pretendemos neste trabalho compreender como os discursos nos filmes *Aquarius* e *Gloria* podem contribuir para a formação dos discursos e narrativas sobre o envelhecimento feminino.

No caso das narrativas audiovisuais, são utilizados dispositivos de enunciação para alcançar variados receptores, a fim de que seu discurso ganhe significância. Há, portanto, uma relação de poder nos discursos cinematográficos. Verón (2004) afirma que, na análise dos discursos, poder é o sistema de relações entre um discurso e suas condições sociais de reconhecimento, ou seja, está ligado aos efeitos de sentido dos discursos. Logo, qualquer produção discursiva relaciona-se ao fenômeno do reconhecimento, que só se materializa quando produz sentido.

“Os efeitos de uma produção de sentido são sempre uma produção de sentido” (VERÓN, 2004, p. 60).

A Teoria dos Discursos Sociais sobre a produção dos sentidos considera que, independentemente do controle do emissor, a produção dos sentidos ocorre apenas na recepção/apropriação do discurso pelo sujeito-receptor, que o ressignifica com base em seus contextos. Importante inspiração para este projeto, Araújo (1995) explica que as marcas da enunciação, linguísticas ou não, definem – entre outros fatores – a posição discursiva do emissor e sua relação com o receptor e com outros discursos presentes no seu. É por meio dessa teoria que visamos compreender e interpretar as estratégias discursivas em *Aquarius* e *Gloria*.

4.2.1. Velhice no cinema

Os filmes selecionados foram produzidos num contexto mais amplo, no qual a temática da velhice já vem sendo abordada tanto na produção nacional quanto em produções estrangeiras que circularam no país. O envelhecimento é, portanto, objeto de obras de ficção e de documentários.

Santana e Belchior (2013) mapearam 23 títulos produzidos que trataram do tema entre 2000 e 2012. Na pesquisa, as autoras observaram mudanças ocorridas nos papéis ocupacionais dos idosos – os perdidos, os mantidos e os incorporados durante o processo de envelhecimento –, assim como características mais e menos frequentes relacionadas à faixa etária.

No que diz respeito aos papéis perdidos, constataram a predominância de temas que enfocam o afastamento do mundo do trabalho e da produtividade, sobretudo com a chegada da aposentadoria, além da perda do cônjuge, da redução do círculo de amizades e de uma mudança no âmbito dos relacionamentos quando se pensa em sexualidade na velhice.

Com relação aos papéis mantidos, observaram a manutenção da função dos pais como principais provedores e pessoas dedicadas à família, bem como a de receber cuidados dos filhos – aspecto que podemos relacionar à insegurança, à necessidade do outro e ao desamparo. Outro papel mantido foi o do envelhecimento do casal, da vivência de ganhos e perdas, corroborando para o juramento matrimonial “Até que a morte nos separe”.

Nos papéis adquiridos na velhice, estão presentes as mudanças no âmbito do trabalho, dos relacionamentos e na condição de membro familiar em função da nova distribuição do tempo adquirida na aposentadoria. A vida passa a ter outras qualidades, e o envelhecer a ganhar diferentes sentidos: novas habilidades, interesses e experiências. No âmbito dos relacionamentos, as pesquisadoras verificaram um grande número de divórcios e também de idosos que ficam viúvos e têm que se adaptar a essa nova situação de vida: a da dor da elaboração do luto e a reinserção no cotidiano. Um número significativo de idosos que iniciam novos relacionamentos – em razão do divórcio ou da viuvez – também foi um dos papéis adquiridos na velhice e contemplados na análise das autoras. O papel de namorada(o) ganha relevância nessa etapa de vida, apesar dos preconceitos e estereótipos negativos estabelecidos pela sociedade quando se trata de namoro de pessoas de meia-idade. Os papéis de avós e de amigo também estiveram presentes. Em relação aos modelos identificatórios oferecidos na velhice, muitos ligados à desqualificação, Amendoeira considera que

predomina a imagem social dominada pelo conceito de inutilidade, o que reduz ainda mais a possibilidade de interação social, de busca de novos vínculos amorosos. É necessário lidar com tabus, as questões mais arraigadas, como, por exemplo, de que os pais não transam, de que avós não tem vida erótica, de que sexo é só para os jovens. De novo, encarar isso tem a ver com a elaboração de questões edípicas, relacionadas à figura paterna, ao desenvolvimento psíquico, ao amadurecimento de cada um. (2018, p. 121).

Quando se trata da caracterização dos personagens velhos, Santana e Belchior (2013) verificaram diversos modos de retratá-los, com ênfase nas características negativas, como a de pessoa solitária, metódica, tímida e rabugenta, reforçando, portanto, a visão negativa do idoso na produção cinematográfica. No entanto, há também a caracterização positiva, com idosos descritos como pessoas corajosas, participativas, independentes e extrovertidas.

Pensando no processo de envelhecimento feminino, o reforço dessas imagens estereotipadas e a busca de adequação aos padrões masculinos ganham evidência, sobretudo pela rejeição do envelhecimento da mulher pelas sociedades patriarcais ocidentais: “O discurso cinematográfico hegemônico concentra-se geralmente no enfoque ou na negação de perdas, seja por meio da busca descomedida da mulher por um corpo jovem, perfeito, ou pela sua vitimização nos

processos de perda no casamento, corpo e trabalho” (MENDONÇA; SENTA, 2012, p. 9). Ela se torna, portanto, invisível: “E, quando se fala de invisibilidade, está se falando de discriminação e preconceito. E o pior preconceito é aquele que se guarda consigo mesmo: aceitar esse lugar de desqualificação” (AMENDOEIRA, 2018, p. 120).

Todavia, também se observa a circulação de outros sentidos no audiovisual feminino – a possibilidade de representação de novas identidades em contraste com as produções que reforçam comportamentos hegemônicos e naturalizados por meio de estereótipos. Contrários aos ideais convencionais do corpo medicalizado estimulado pela cultura de consumo, esses novos protagonismos por vezes permitem apresentar ao espectador o universo feminino dentro de um processo de aceitação (e não negação) das perdas associadas ao envelhecimento, conjugando-a aos ganhos advindos da chegada da maturidade (MENDONÇA; SENTA, 2012, p. 10).

Os sentidos sobre a mulher em faixa etária avançada em *Aquarius* e *Gloria*, filmes contemporâneos que tendem a se afastar das simplificações que desconsideram as múltiplas identidades femininas, serão analisados com base nesta perspectiva: da nova visão sobre o envelhecimento como uma fase de experiências e de realização pessoal. Assim, a caracterização da mulher em processo de envelhecimento nesses filmes pode auxiliar na construção do debate sobre a velhice e seus aspectos, e a realidade atual desse grupo etário.

5. METODOLOGIA

Para compreender quais são os sentidos do envelhecimento feminino nas narrativas cinematográficas, optamos no *corpus* de pesquisa por dois filmes contemporâneos a fim de obter um marco temporal atual – foi no século XXI que teve início um período de intenso aumento do envelhecimento no mundo todo – e ressaltar o olhar crítico do cinema latino-americano dessa época.

Na primeira etapa do trabalho, faremos uma análise com decupagem das produções audiovisuais – incluindo textos verbais e não verbais, a fim de mapear principais características, padrões e estruturas nos discursos. No caso do filme chileno, será utilizada a versão traduzida que circulou no Brasil. A relação com o corpo, o gênero feminino, as relações de afeto, a sexualidade na experiência do envelhecer, a maternidade, as condições socioeconômicas, a capacidade produtiva, a cultura de consumo e estilo de vida são algumas categorias de análise. O idadismo também será questão de reflexão, por atravessar parte das categorias descritas.

Em relação ao texto, serão observadas as palavras plenas (termos que condensam os sentidos), os recursos linguísticos, os termos dêiticos, ou seja, elementos que recebem determinado sentido por sua relação com o que representam no momento em que são enunciados (KOELLING, 2003). O dito e as modalidades do dizer também serão importantes na análise deste trabalho.

Cabe aqui fazer uma breve contextualização dos filmes analisados. De acordo com dados divulgados no Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro do Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (ANCINE, 2016) foram lançados 142 títulos brasileiros em 2016, que representaram uma receita no cinema nacional de R\$ 362.776.085,95.

Aquarius, coprodução brasileira com a França,⁸ ficou em 16º lugar no *ranking* dos 20 títulos brasileiros de maior bilheteria naquele ano. Foi lançado no Brasil em 1º de setembro de 2016, um dia após a aprovação do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff,⁹ num período político turbulento, em 110 salas, e assistido por

⁸ O longa é considerado franco-brasileiro por se tratar de uma parceria entre as produtoras brasileiras CinemaScópio, Videofilmes e Globo Filmes com a francesa SBS Productions.

⁹ Tal como a protagonista de *Aquarius*, Rousseff também lutara contra um câncer linfático, quando ministra-chefe da Casa Civil no governo Lula, em 2009, antes de ser destituída do cargo como presidenta, tendo sido reeleita por 55 milhões de brasileiros, em 2014 – coincidentemente, o filme

355.085 pessoas. Na França, foi o filme mais assistido em 2016, com público acumulado de 158.230 pessoas. A primeira exibição de *Aquarius* ocorreu na 69ª edição do Festival de Cannes, em 17 de maio.

Dirigido pelo cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho,¹⁰ *Aquarius* é dividido em três partes (“O Cabelo de Clara”, “O Amor de Clara” e “O Câncer de Clara”), que enfocam várias questões, como o espaço urbano, a desigualdade social no país, o envelhecimento, a memória, e a resistência feminina. Conta a história de Clara Amorim, interpretada por Sônia Braga – jornalista e escritora, mãe de três filhos adultos, viúva, aos 65 anos que mora sozinha no Edifício Aquarius, de frente para a praia de Boa Viagem, em Recife, capital do estado de Pernambuco. A construção é a última em estilo antigo na orla, e a construtora Bonfim mostra-se interessada em comprar o apartamento como, aliás, todos os demais do prédio, para transformá-lo em um empreendimento imobiliário luxuoso: o Novo Aquarius. Clara recusa todas as ofertas para seguir morando até o fim da vida no apartamento em que vive rodeada de lembranças e objetos, como coleção de vinis, livros, móveis antigos, fotos.

Gloria (2013), realizado pelo chileno Sebastián Lelio, ganha destaque internacional no ano de seu lançamento. Foi ganhador do Festival Internacional de Cinema San Sebastian e mereceu o Urso de Ouro de Melhor Atriz no Festival Internacional de Berlim de 2013. No longa, o diretor trata de temas relativos ao preconceito feminino e geracional hoje ainda pouco abordados no Chile. Gloria, interpretada por Paulina García, é uma mulher de 58 anos, independente, que vive sozinha, após ter-se separado do marido e criado dois filhos. Tem um trabalho estável e uma vida relativamente comum. É uma mulher em busca da reinvenção de si e vive a vida da maneira que deseja: encontra os amigos, sai para dançar, flerta com quem achar interessante.

O roteiro aborda exatamente a capacidade de reinvenção da mulher madura, sua ressignificação diante das transformações que permeiam essa fase da vida. A protagonista tem momentos solitários, mas cria outros de autodescoberta.

Em entrevista para a Deutsche Welle, empresa pública de radiodifusão alemã com retransmissão internacional, Sebastián Lelio (2013) declarou que o filme explora

parece evocar o país “infestado por cupins” colocados estrategicamente lá para minar a força de uma mulher resistente (ANDRADE, 2017).

¹⁰ Adepto do cinema mais autoral e cineasta interessado em utilizar linguagem realista em suas obras, retrata as mazelas da sociedade.

o arquétipo de uma mãe que temos a tendência de tratar de forma evasiva ou com eufemismo: a mãe nua ou a mãe amante, mas que também mostra a ideia da mulher que se aproxima dos 60 anos com sentimentos e desejos:

É um filme centrado no arquétipo da mãe, mas há também os filhos, os netos. Eu espero que haja um reconhecimento por meio de Gloria para as mulheres dessa geração que estão em um lugar um pouco injusto, como em uma espécie de “não lugar”. Acredito que o que Gloria faz é afirmar que elas estão lá e que são lindas, dançam e têm muito a dizer e podemos aprender com elas.¹¹

¹¹ Trecho editado e traduzido da entrevista de Sebastián Lelio a Eva Usi (2013) para o Deutsche Welle (DW).

6. CRONOGRAMA

O cronograma de desenvolvimento deste projeto foi pensado para aplicação em mestrado. Para tanto, a fim de atingir os objetivos propostos, leva-se em consideração que o trabalho será executado em um período de dez meses, após as disciplinas, conforme tabelas a seguir.

Ano: 2019												
Ações/etapas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Coleta e organização do material							x	x	x	x	x	
1.1 Transcrição do texto de <i>Aquarius</i>							x	x	x	x	x	
1.2 Decupagem de <i>Aquarius</i>							x	x	x	x	x	
1.3 Transcrição do texto de <i>Gloria</i>							x	x	x	x	x	
1.4 Decupagem de <i>Gloria</i>							x	x	x	x	x	

Ano: 2020												
Ações/etapas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
2. Apresentação à banca de qualificação			x									
3. Reajuste do projeto de acordo com as contribuições da banca				x	x							
4. Coleta e organização do material							x	x	x	x		
4.1 Classificação de trechos dos textos de acordo com as categorias escolhidas							x	x	x	x		
4.2 Identificação de palavras plenas e dêiticos relacionados a cada categoria de análise							x	x	x	x		
5. Revisão bibliográfica							x	x	x	x	x	x
6. Análise de material							x	x	x			
6.1 Análise de <i>Aquarius</i>							x	x	x			
6.2 Análise de <i>Gloria</i>							x	x	x			
6.3 Comparação das duas obras							x	x	x			

7. REFERÊNCIAS

AMENDOEIRA, Maria Cristina R. Envelhecimento, sexualidade e a vida: a respeito da vida erótica e criativa na velhice. In: CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva; HOFF, Tânia (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo: perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

ANCINE – Agência Nacional de Cinema. Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro. Disponível em: <https://issuu.com/oca_ancine/docs/anuario_2016>. Acesso em: 8 dez. 2018.

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Anuário Estatístico do Mercado Farmacêutico. 2016. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/documents/374947/3413536/Anu%C3%A1rio+Estat%C3%ADstico+do+Mercado+Farmac%C3%AAutico+-+2016/485ddf50-a37f-469f-89e5-29643c5c9df5>>. Acesso em: 9 dez. 2018.

ANDRADE, A. L. **IV Congreso Internacional Historia, Arte y Literatura en el Cine en Español y en Portugués** (CIHALCEP). 2017. Disponível em: <<http://www.cebusal.es/historia-literatura-y-arte-en-el-cine-en-espanol-y-portugues-estudios-y-perspectivas>>. Acesso em: 8 dez. 2018.

AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux, Saïd Ben Saïd e Michel Merkt. Roteiro: Kleber Mendonça Filho. Brasil/França. 2016. 146 min.

ARAÚJO, Inesita Soares. Tempos idos, tempos vindos. Muita história por contar, muita história por fazer. In: D'AVILA, Cristiane; TRIGUEIROS, Umberto (Org.). **Comunicação, mídia e saúde**. Rio de Janeiro: Luminatti, 2017.

_____. Diferentes, pero no mucho... In: BRAGA, José Luiz; PORTO, Sérgio Dayrell; FAUSTO NETO, Antônio (Org.). **A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política**. Rio de Janeiro: Diadorim; Compós, 1995. p. 175-193.

ARAÚJO, Inesita Soares; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006. Disponível em: <https://social.stoa.usp.br/articles/0016/2334/BAKHTIN_Mikhail__Marxismo_e_filosofia_da_linguagem.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989. cap. 5. p. 81-90.

BORDO, Susan. No Império das imagens: prefácio para o décimo aniversário da edição de Este Peso Insuportável. **Labrys – Estudos Feministas**, Brasília, n. 4, ago.-dez. 2003. Disponível em: <www.unb.br/ih/his/gefem>. Acesso em: 10 dez. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYMER, Francesca (Org.). **Gênero, cultura visual e performance**: antologia crítica. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2011. Disponível em: <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

_____. (1990). **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO JR., K.R. As armadilhas da concepção positiva de saúde. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 63-76, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a05.pdf>>. Acesso em: 1º mai. 2019.

CASTIEL, Luis David. **À procura de um mundo melhor**: apontamentos sobre o cinismo na saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2016.

CASTIEL, Luis David; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues; FERREIRA, Marcos Santos. **Correndo o risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. (Coleção Temas em Saúde).

CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva. O envelhecimento na retórica do consumo: publicidade e idadismo no Brasil e Reino Unido. São Paulo: **Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2012. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-92b9fc0e-e94c-492d-a0f9-cd283e589d73_2764.pdf>. Acesso em: 9 set. 2018.

_____. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. **Galáxia**, São Paulo, n. 31, p. 79-91, abr. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016120675>>. Acesso em: 1º fev. 2019.

_____. Precisamos discutir sobre o idadismo. **Mais 60 – Estudos sobre Envelhecimento**, v. 28, n. 67, p. 50, 2017. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/files/artigo/ff0eed41/580d/49c2/b5d5/66e88d2ef551.pdf>>. Acesso em: 1º fev. 2019.

CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva; HOFF, Tânia (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo**: perspectivas multidisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2018.

CONRAD, Peter. Medicalization and social control. **Annual Review of Sociology**, Palo Alto, v. 18, p. 209-232, Aug. 1992.

CFM – Conselho Federal de Medicina. Resolução CFM n.1938/2010. Disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/2010/1938_2010.htm>. Acesso em: 17 jan. 2019.

CLARKE, Laura Hurd. Envelhecimento, idadeísmo e a invisibilidade dos idosos na mídia. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 151-155, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1173>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

CLARKE, Adele E. et al. (Ed.). Biomedicalization: technoscience and transformations of health and illness in the U.S. biomedicine. **American Sociological Review**, New York, v. 68, n. 2, p. 161-194, 2003.

CÔRTE, Beltrina. Na era da leveza, “o tempo é liberdade e a idade constrangimento”. In: CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva; HOFF, Tânia (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo**: perspectivas multidisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2018.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da Reflexão Antropológica Sobre a Velhice. In: _____. **Antropologia e velhice**. Campinas: IFCH, 1998. (Textos Didáticos, n. 19). Disponível em: <<http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/td13-guita.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2019.

_____. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, p. 70-83, jun.-ago. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28456>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

_____. A reprivatização do envelhecimento nas imagens da mídia. In: CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva; HOFF, Tânia (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo**: perspectivas multidisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2018.

FEATHERSTONE, Mike. Construir uma vida e aprender a viver com os dilemas do processo de envelhecimento. In: CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva; HOFF, Tânia (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo**: perspectivas multidisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2018.

FERRAZ, Luiz Marcelo Robalinho. Entre remédios e hábitos saudáveis; a medicalização nos discursos de *Veja* e *Época*. In: LERNER, Kátia; SACRAMENTO, Igor (Org.). **Saúde e jornalismo**: interfaces contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2014.

FERREIRA, Francisco Romão. **Os sentidos do corpo**: cirurgias estéticas, discurso médico e saúde pública. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4465/2/239.pdf;OS>>. Acesso em: 9 set. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Disponível em: http://www.portalentretextos.com.br/download/livros-online/foucault_michel_microfisica_do_poder.pdf. Acesso em: 19 jan. 2019.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

GLOBE NEWSWIRE. Demanda por procedimentos de cirurgia cosmética dispara em todo o mundo. Nova York, 2017. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/578fbdf1ebbd1aa62fb77621/t/5994bc4c15d5db8435867aba/1502919756702/2016+Global+Survey+PR_Portuguese.pdf. Acesso em: 3 fev. 2019.

GLORIA. Direção: Sebastián Lelio. Produção: Luis Collar, Juan de Dios Larraín e Pablo Larraín. Roteiro: Sebastián Lelio e Gonzalo Maza. Chile/Espanha. 2013. 110 min.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul.-dez. 2006. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/download/9083/7213>. Acesso em: 17 out. 2018.

_____. **Coroas**: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 77-85, dez. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/2143>. Acesso em: 17 out. 2018.

GOLDMAN, Sara Nigri; FALEIROS, Vicente de Paula. Percepções sobre a velhice. In: BORGES, Ana Paula Abreu; COIMBRA, Angela Maria Castilho (Org.). **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Rio de Janeiro: EAD/Ensp. p. 23-30, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/444168/mod_resource/content/1/Envelhecimento_e_saude_da_pessoa_idosa.pdf. Acesso em: 16 jan. 2019.

GOULART, Ana Paula. Discurso e poder: a contribuição barthesiana para os estudos de linguagem. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 27, n. 1, 2004. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1059>. Acesso em: 5 fev. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Projeções da população: Brasil e unidades da federação. 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101597.pdf>. Acesso em: 1º fev. 2019.

INE – Instituto Nacional de Estadísticas do Chile. 2007. Enfoque estadístico: Adulto mayor. Disponível em: <https://www.ine.cl/docs/default-source/FAQ/enfoque->

estad%C3%ADstico-adulto-mayor-en-chile.pdf?sfvrsn=2>. Acesso em: 1º fev. 2019.

_____. Estadísticas Vitales 2015. Disponível em: <<http://ine-chile.maps.arcgis.com/apps/MapSeries/index.html?appid=a563d3d82eb2431586a40174f1368163>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

KALACHE, Alexandre. Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, jul.-set. 1987. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1987000300001>. Acesso em: 24 fev. 2019.

_____. O mundo envelhece: é imperativo criar um pacto de solidariedade social. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1107-1111, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csc/2008.v13n4/1107-1111/pt>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

_____. Brasil envelhece sem preparo. **Radis**, Rio de Janeiro, n. 190, p. 32, jul. 2018. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis190_web.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2019.

_____. Entrevista ao Programa Roda Viva. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/videos/67941_roda-viva-alexandre-kalache-14-01-2019.html>. Acesso em: 15 jan. 2019.

KOELLING, Sandra. Os dêiticos e a enunciação. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 1, n. 1, agosto de 2003. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_1_os_deiticos_e_a_enunciacao.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2019.

LUPTON, Débora. Corpos, prazeres e práticas do eu. **Educação & Realidade**: produção do corpo, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 16-17, jul.-dez. 2000.

MENDONÇA, Maria Luiza; SENTA, Clarissa Raquel. A representação do feminino no cinema brasileiro contemporâneo: um novo olhar sobre a velhice e o envelhecimento em *Chega de Saudade*. **Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación**, n. 78, nov.-jan. 2012. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N78/06_MartinsMotter_M78.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Estatuto do idoso (Lei 10.741/2003). Brasília: Ministério da Saúde. 2005. Disponível em: <www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/pagina_saude_do_idoso/estatuto_do_idoso.pdf>. Acesso em: 19 out. 2018.

MORI, Marcelo. Os mecanismos do envelhecimento. **Portal Pesquisa Fapesp**, abr. 2017. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/04/18/os-mecanismos-do-envelhecimento>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

OMS – Organização Mundial da Saúde. Resumo. Relatório mundial de envelhecimento e saúde. Genebra: OMS, 2015. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2018.

PERCEPCIONES de los adultos mayores sobre sí mismos. [s.d.] Disponível em: <<https://www.gerontologia.uchile.cl/docs/chien5.htm>>. Acesso em: fev. 2019.

PEREIRA, Monica. Aposentadoria por tempo de contribuição: saiba como são as regras atuais. **O Globo**, 14 fev. 2019. Economia. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/aposentadoria-por-tempo-de-contribuicao-saiba-como-sao-as-regras-atuais-23452509>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker, 1999.

PLANO de Ação Internacional para o Envelhecimento. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2019.

REIS, Léa Maria Aarão. “Saúde dos idosos: um perverso negócio neoliberal”. **Carta Maior**, 3 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Idades-da-Vida/Saude-dos-idosos-um-perverso-negocio-neoliberal/13/39053>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

ROHDEN, Fabiola. Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 29-60, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v23n47/0104-7183-ha-23-47-0029.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ROUGEMONT, Fernanda. O tempo no corpo: envelhecimento e longevidade na perspectiva anti-aging. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1-2, p. 36-61, jan.-dez. 2016. Disponível em: <https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/23/02_Rougemont,Fernanda_TempoCorpo_pags36a61.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2019.

SACRAMENTO, Igor. Saúde, estilo de vida e cultura de consumo num contexto neoliberal. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde – Recis**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, out.-dez. 2016. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1230>>. Acesso em: 9 set. 2018.

SANTANA, Carla; BELCHIOR, Carolina. A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 93-116, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/20343/15100>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

SENAMA – Servicio Nacional del Adulto Mayor. Ministerio de Desarrollo Social. Disponível em: <<http://www.senama.gob.cl/servicio-nacional-del-adulto-mayor>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

SIBILIA, Paula. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 9, n. 26, nov. 2012. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/345>>. Acesso em: 9 set. 2018.

USI, Eva. Sebastián Lelio: “En Chile necesitamos justicia social”. **Deutsche Welle**, 14 fev. 2013. Disponível em: <<https://www.dw.com/es/sebasti%C3%A1n-lelio-en-chile-necesitamos-justicia-social/a-16597480>>. Acesso em: 9 dez. 2018.

VERAS, Renato P.; RAMOS; Luiz Roberto; KALACHE, Alexandre. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e consequências na sociedade. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 225-233, fev. 1987. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101987000300007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 jan. 2019.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira; ORTEGA, Francisco; BEZERRA JUNIOR, Benilton. Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 19, n. 6, p.1859-1868, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014196.03612013>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

WORLD Economic and Social Survey 2007. Development in an ageing world. New York: United Nations, 2007. Disponível em: <http://www.un.org/en/development/desa/policy/wess/wess_archive/2007wess.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2019.